

Museus

Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques - MELH

Museu Municipal Prof. Álvaro Viana de Lemos - MAVL



Exposição

Agricultura Lusitana - MELH

«Pernas para que te quero – a revolta dos Legumes»

Ana Lousada e Carlos Neto

abril

é o quarto mês do calendário gregoriano e tem 30 dias. O seu nome deriva do Latim «*Aprilis*», que significa “abrir”, numa referência à germinação das culturas. Segundo a mitologia romana, Abril deriva de «*Aprus*», nome etrusco de Vénus, deusa do amor e da paixão. Na mitologia grega, a deusa Afrodite, teria nascido de uma espuma do mar que, em grego antigo, se dizia “abril”.

Em abril celebra-se um dos mais belos acontecimentos da história de Portugal, o 25 de Abril de 1974.

Decorreram 48 anos desde que o Movimento das Forças Armadas (MFA) derrubaram a ditadura que, durante 48 anos, oprimiu o Povo Português pondo fim a um regime autoritário, nacionalista e colonial, instaurando a liberdade e o regime democrático.

As comemorações oficiais dos 50 anos do 25 de Abril, que se assinalam em 2024, começaram no passado dia 23 de março, na vésperas do dia em que a democracia portuguesa ultrapassou o tempo de duração da ditadura, prolongando-se até dezembro de 2026, quando se assinalar meio século das primeiras eleições autárquicas realizadas em Portugal.

De norte a sul do país, o 1 de Maio de 1974, Dia do Trabalhador, foi homenageado efusivamente após a comemoração ter sido banida pelo Estado Novo. Os portugueses saíram à rua no 25 de Abril de 1974, mas não com a mesma expressão com que ocuparam as ruas no 1º de maio, permanecendo até hoje como a maior manifestação popular da história portuguesa. A Lousã não foi exceção, com uma multidão a desfilar pelas ruas gritando palavras de ordem. Na varanda dos Paços do Concelho discursaram, para um mar de gente eufórica, Manuel Louzã Henriques e Carlos Almeida, ex-presos políticos, e os jovens revolucionários, Luís Gonçalves e Manuel Cabral, entre outros.

No Jornal de Notícias, de 2 de abril de 1974, pág.6, encontramos uma referência à velha “Flausina” da Lousã, com a seguinte descrição: “O comboio da Lousã surgiu enfeitado. Ouviu-se então o silvo estridente de uma locomotiva. Era o comboio para a Lousã que saía da Estação Nova, mas atrasara a saída mais de 15 minutos, avançando em marcha lenta. A “Flausina” vinha enfeitada com ramos verdes, associando-se à manifestação (...)”.

Viva o 25 de Abril, Viva a Liberdade!



Exposição Agricultura Lusitana / MELH

Este mês destacamos a peça «Pernas para que te quero – a revolta dos legumes», de Ana Lousada e Carlos Neto (Casa da Olaria, Alcária, Porto de Mós)

Numa época de globalização em que o medo de existir nos leva à escravatura, é na agricultura que começa a revolução. Abandonados à sua sorte, sem condições para germinarem e sentindo que o grande problema é falta de tomates e nabos a mais, os legumes decidem revoltar-se e ganhar pernas partindo à conquista do mundo. A revolta é liderada por três cabecilhas: Lombarda, Folha Lombarda e Menina Abóbora, determinadas a alimentar a revolução. Técnica mista, lastra e modelagem. Grés feldspático e vidrado.

Catálogo da exposição, “Agricultura Lusitana”, ed. 2015, p. 165

Sabia que

Foi uma mulher que fez do cravo o símbolo da Revolução de Abril?

Celeste Caeiro trabalhava no restaurante *Franjinhãs*, que abriu no dia 25 de abril de 1973. Para comemorar a data, os donos do estabelecimento incumbiram Celeste de comprar flores para oferecer aos clientes. Assim, no dia 25 de abril de 1974, Celeste apresentou-se ao trabalho com as flores, mas os patrões comunicaram-lhe que estava em marcha uma revolução, pelo que a casa não abriria. Celeste regressou a casa, pela rua do Carmo, com as flores na mão, quando foi interpelada por um soldado, que lhe pediu, do cimo de uma chaimite, um cigarro. Celeste, que não fumava, só pode oferecer-lhe um cravo. O soldado logo o colocou no cano da espingarda. O gesto foi visto e imitado.

abril

Peça do mês | MELH Máquina de escrever

[MELH/Inv.º 1972]

Máquina de escrever da marca “Messa”, produzida pela fábrica portuguesa MESSA - Máquinas de Escrever, SARL, sediada em Mem Martins, que encerrou portas em 1985. Destaque para o teclado HCESAR, correspondente às primeiras cinco letras da primeira fila. Conhecido como teclado português, foi criado pelo decreto-lei de 21 de julho de 1937, pelo então primeiro-ministro, António Oliveira Salazar. Tinha como particularidade a dupla função de teclas, entre outras. Esta determinação foi anulada, em 1971, altura em que se recomendava o teclado internacional AZERT.

Antes de ser substituída por teclados e *touch screens*, a máquina de escrever foi um dos dispositivos mais importantes no caminho da democratização das tecnologias de informação. Durante o Estado Novo e o período revolucionário que se seguiu, foi das bobinas das máquinas de escrever que saíram os manifestos e panfletos de resistência política ao Estado Novo, os poemas e os livros censurados, as cantigas de maio, o primeiro comunicado dos militares que fizeram o 25 de Abril e a Constituição da República Portuguesa, de 1976.

Sugestões para Ver

Gravações da Censura

[RTP Arquivo, 2018-04-28, 00:05:18]

Bobines que pertencem ao Arquivo da Rádio, dão a conhecer gravações de telefonemas que mostram como a censura funcionou em Portugal até à tarde de 25 de Abril 1974.

Disponível em:

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/gravacoes-da-censura/>



Datas Comemorativas

1 de abril – Dia da Mentira
2 de abril – Dia Internacional do Livro Infantil
8 de abril – Dia Mundial da Astronomia
10 de abril – Domingo de Ramos
15 de abril – Sexta-Feira Santa; Dia Mundial da Arte
17 de abril – Páscoa
18 de abril – Dia Inter. dos Monumentos e Sítios
22 de abril – Dia Mundial da Terra
23 de abril – Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor
25 de abril – Dia da Liberdade

Sugestões para Ler

Novas Cartas Portuguesas

Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa [Dom Quixote, 2010]

Obra que desafiou a autoridade moral do regime, que seria recolhida e destruída pela censura três dias após a publicação, em 1972, qualificada como imoral e sob a acusação de fazer a defesa da emancipação das mulheres. Banido em Portugal, o livro foi imediatamente traduzido na Europa e nos Estados Unidos da América, encontrando-se, ainda hoje, entre as obras portuguesas mais traduzidas em todo o mundo. A apreensão do livro e o processo instaurado às três autoras, no contexto do Estado Novo, provocou uma onda internacional de apoio, inédito, na história da literatura portuguesa, tendo os protestos e as manifestações sido em prol da causa das “Três Marias”, como viria a ficar conhecido o processo.

Personalidade do mês

Francisco Maria Supico

[1830-1911]

Nasceu na Lousã, a 1 de novembro de 1830, filho de José Joaquim Supico, um operário papelheiro que tinha uma modesta hospedaria na Rua da Fonte. Concluiu o curso de Farmácia Prática na Universidade de Coimbra em 1851, estabelecendo-se, depois na ilha de São Miguel, onde exerceu o cargo de boticário da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada.

Com uma vasta e ativa colaboração na imprensa regional e nacional, formou uma tertúlia com os seus amigos Guilherme Read Cabral, Teófilo Braga e Antero de Quental, que viria a merecer grande destaque na imprensa de Ponta Delgada na segunda metade do século XIX

Foi fundador do quinzenário “Tempo”, e também do jornal literário e político “Santelmo”. Colaborou com o “Estrela Oriental” e com o “Correio Michaelense”, do qual foi também diretor. Entre 1862 e até à data da sua morte foi o proprietário, editor e redator do semanário “A Persuasão”. Este, exemplo singular duma imprensa de intervenção, empenhada em promover, como Supico escreveu, num dos seus editoriais, uma missão «de paz, de tolerância e de ilustração», no sentido de desenvolver um «apostolado sempre vigilante contra o abuso do poder e de autoridade; pronto sempre a condenar os excessos do forte contra o fraco; e a pugnar pelas imunidades, pela regalias e pelas liberdades de todos os cidadãos».

O município da Lousã, homenageou-o, dando o seu nome a uma rua da vila.



Peça do mês | MAVL

Carta de Portugal Insular e Ultramarino

[MAVL/Inv.º 1258]

Mapa - A Carta de Portugal insular e ultramarino com todos os territórios portugueses espalhados pelos diversos continentes.

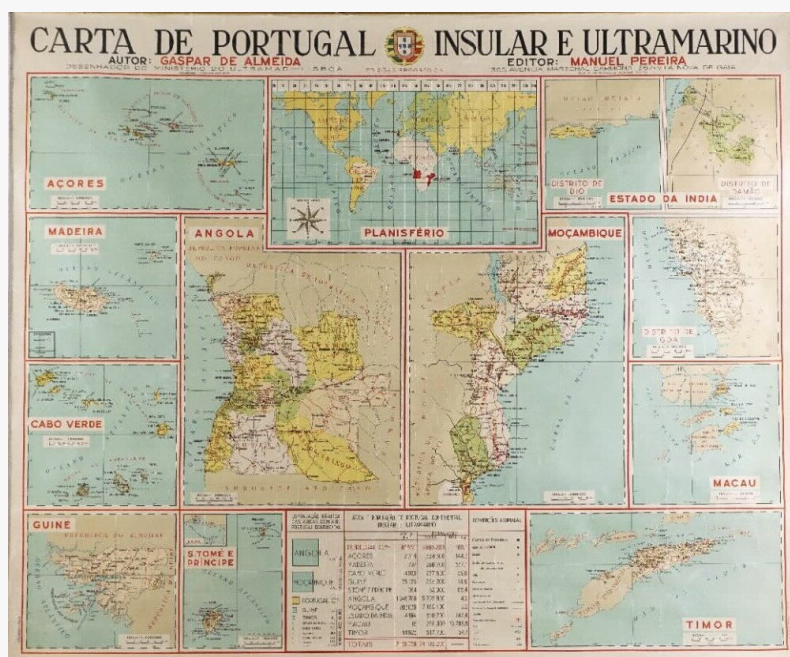
Autor: Gaspar de Almeida (Desenhador do Ministério do Ultramar)

Editor: Manuel Pereira

Edições Progredior

Dimensões: 1,15 m x 0,95 m

Vila Nova de Gaia 1970





“Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado.”

Mondar e sachar os campos semeados no mês anterior; rega matutina. Plantar espargos e morangueiros. Semear milho e grão de bico, plantar batata nas terras mais secas e, no final do mês, nas terras mais fundas. Na horta semear (no crescente), em local definitivo, abóboras, batata, beterraba, brócolos, cenoura, couves, fava, feijão, melão, melancia, nabo, pimento, rabanete, salsa, etc. Em viveiro, semear cebola, pepino e tomate. Nos últimos dias do mês, semear feijão temporão. Limpar os rebentos nos enxertos das árvores de fruta. Na vinha, fazer o tratamento contra o míldio, oídio e outros; adubar as castas mais envelhecidas. No jardim semear estrelas do Egito, girassóis e malmequeres, colher as flores dos lilases, margaridas, etc. Plantar begónias, dalias e jarros.

In: Borda D'Água, Editorial Minerva, Ed. 2022

O Caminho do Rebanho



Realização: Silva Brandão (1906-1982)
[Portugal, 1959, Documentário, 00:18:03, Cor]

A Serra da Lousã e suas belezas naturais. O Castelo de Arouce e a sua lenda evocados através do diálogo entre um pastor e algumas crianças.

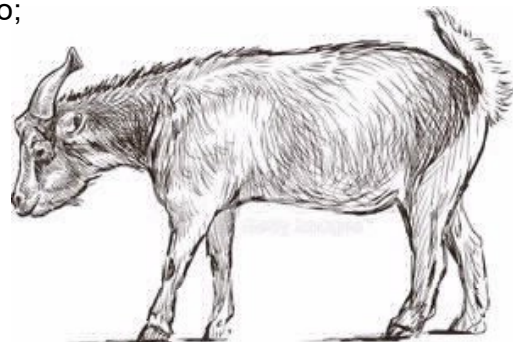
In: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=3922&type=Video>

Sabores da TERRA da Lousã

Cabrito Assado com batatas e castanhas

Ingredientes:

- Carne de cabrito;
- Batatas;
- Castanhas;
- Azeite;
- Colorau;
- Louro;
- Piri-piri;
- Alho;
- Vinho Branco;
- Sal.



Modo de confeção:

Faz-se uma massa com bastante alho esmagado, sal, azeite, colorau, louro e piri-piri. Com esta massa, tempera-se o cabrito previamente cortado aos bocados, cobre-se com vinho branco e coloca-se num tabuleiro de ir ao forno e fica a marinar. No dia seguinte vai ao forno com as batatinhas, cerca de 3 horas.

In: Região de Coimbra, Região Europeia de Gastronomia 2021

Sabia que ...

A Serra da Lousã, é um dos berços do cabrito que tão bem se adapta a ambientes menos férteis. É nesta zona de terrenos ricos, no sopé, e de terrenos pobres, quando a serra se começa a revelar em todo o seu esplendor e em toda a sua dureza, que encontramos a cabra, animal adaptável, e que como nenhum outro daqui consegue retirar o sustento necessário à sua sobrevivência.

Este animal, convertido em único sustento das gentes pobres das serranias, obrigadas a uma espartilhada economia de subsistência, é hoje mais conhecido pelo seu aproveitamento culinário. A chanfana, aproveitamento último da cabra, através do recurso ao amaciamento da sua carne pela ação do vinho, é prato típico das terras altas e pobres. Ao contrário, o cabrito era manjar de ricos e é prato dos tempos atuais, também muito associado ao rito católico. Era animal nunca consumido pelos seus proprietários porquanto significava uma mais valia, vendido nos mercados para prover a doenças, casamentos ou funerais.

Conta-me como foi o 25 de Abril

Se fizeres este pedido aos teus avôs, tios ou pais vais descobrir que antes do 25 de Abril, Portugal era um país muito diferente daquele em que vives hoje: mais cinzento, mais triste, mais calado.

Graças ao 25 de Abril de 1974, hoje vives numa sociedade mais humana, livre e democrática.

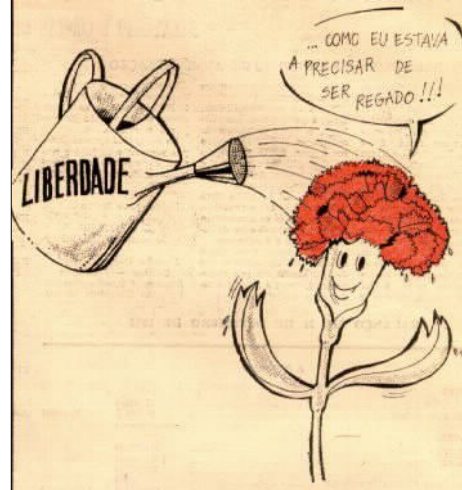
Mas o que foi o 25 de Abril de 1974?

Foi o dia em que voltamos a respirar liberdade e derrubamos a ditadura que nos oprimia há quase 50 anos. A ditadura é uma forma de governar um país em que não há liberdade. Só há um partido político e quem governa e tem autoridade é só uma pessoa. Os cidadãos não podem dar as suas opiniões, não têm escolhas livres e não têm acesso a todo o tipo de música, filmes, livros, jogos ou novidades. Esta ditadura em Portugal durou 48 anos! Quem governava Portugal era um homem chamado Salazar. O regime político de Salazar era conhecido como Estado Novo.

Para teres uma ideia do como era viver em Portugal durante a ditadura do Estado Novo, deixamos-te aqui uma lista de alguns aspetos que caracterizavam o quotidiano daqueles tempos:

- Só era obrigatório estudar até à 3ª classe e, durante algum tempo, deixou de ser obrigatório para as meninas.
- Havia turmas de meninas e turmas de meninos e até no recreio estavam separados.
- Os alunos não podiam demonstrar o seu **espírito crítico** nem a sua **liberdade de pensamento**.
- Nas aldeias, os alunos tinham que pedir a bênção ao professor e “beijar a mão”. Nas cidades, tinham de dar os bons-dias em coro ao professor. Os castigos físicos e a humilhação eram permitidos e frequentes.
- Só os filhos das famílias ricas tinham a oportunidade de estudar. A grande maioria dos meninos e meninas não tinham possibilidades de ir à escola, nem mesmo de brincar e eram obrigados a trabalhar. As crianças das aldeias ajudavam a família logo a partir dos 6 ou 7 anos nos trabalhos do campo, ou, no caso das famílias mais pobres, migravam para vilas e cidades - as raparigas muitas vezes para servir de criadas na casa de pessoas ricas ou abastadas, enquanto que os rapazes ajudavam nas mercearias, dormindo sobre sacos de carvão,
- Grande parte da população era analfabeta, ou seja, não sabia ler nem escrever.
- Não havia os hospitais, nem os centros de saúde que há hoje, não havia salário mínimo, nem passe social, e muitos idosos não tinham pensão de reforma, não havia as muitas escolas que há hoje, nem teatros, museus e bibliotecas públicas.

Esperamos que esta breve descrição seja um ponto de partida para conversares com os teus avós, pais e professores sobre a importância do 25 de Abril, na tua vida, na deles e na de todos nós!



25-05-1974, in *República*, n.º 15446 2.ª série, pág.5

Para saberes mais sobre o 25 de Abril, vê: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-num-minuto/>



Para saberes mais sobre as salas de aula no Estado Novo, vê: <https://ensina.rtp.pt/artigo/reconstituicao-de-uma-aula-do-estado-novo/>

O **espírito crítico** é a capacidade de questionar, refletir e analisar de forma racional e inteligente o mundo que nos rodeia

A **liberdade de pensamento** é o direito que todas as pessoas tem de fazer escolhas de acordo com a sua própria vontade.



LAMELH

Searas de paz e pão para a boca

Alertava Louzã Henriques para o dever de sabermos preservar as terras mais férteis, vulgo Reserva Agrícola Nacional, designadamente os solos de aluvião, para que às gerações vindouras não viesse um dia a faltar o pão.

Nas centenas de diálogos, sempre interessantes, que ao longo de décadas tive o privilégio de manter com o patrono do Museu Etnográfico da Lousã, ele insistia em valorizar os terrenos com provas dadas na produção de cereais, hortícolas e outros alimentos básicos.

Nos terraços fluviais que resultaram da evolução dos rios Arouce e Ceira, no vale da Lousã, ao longo de milhões de anos, situam-se terrenos agrícolas da mais elevada qualidade.

O mesmo acontece junto às linhas de água menores que descem da Serra da Lousã, como as ribeiras da Fórnea e da Sarnadinha, entre outras.

Nos socalcos roubados à fraga, os serranos cuidavam cada pé de milho como se fosse um filho, testemunhava Manuel Louzã Henriques com a sua proverbial ternura, nas muitas "conversas vadias" que protagonizou com inigualável brilho em diferentes palcos da vida.

Pão promissor à mesa do pobre, a batata do Novo Mundo foi substituindo a castanha, sobretudo a partir do século XIX, após a doença da tinta ter dizimado boa parte dos soutos da Serra da Lousã.

O fruto, ainda assim, continuou a ter peso na alimentação dos serranos, até ao momento em que as últimas famílias abalaram para Brasis e Américas.

Para aguentar o frio do inverno, nada melhor do que uma sopa à base de castanhas piladas, secas no caniço, acima das morcelas e chouriças que pendiam do fumeiro.

Mas elas não podem ouvir o cuco! O mesmo é dizer que ganham bicho com a chegada da primavera.

Nas lojas de algumas casas desabitadas, ainda há poucos anos podíamos encontrar os velhos molhos de palha de centeio com que os emigrantes deveriam renovar as enxergas.

Ou as pontas de milheiro nas manjedouras, destinadas a reforçar a refeição das cabras nos dias de neve e temporal em que os montanheses não podiam sair com o gado. Milho e centeio eram os grãos com que faziam o pão abençoado de cada dia.

(continuação do texto na news de maio)

Casimiro Simões